

Pensando a educação e a cidadania no envelhecimento e na velhice: o caso do projeto ProAlfa¹

Thinking about education and citizenship in ageing and old age: the case of the ProAlfa project

SARA LOPES

Doutora em Antropologia (ISCTE-IUL).

Professora Adjunta da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria.

sara.lopes@ipleiria.pt

CATARINA MANGAS

Doutora em Ciências da Educação – Formação de Professores

Professora adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

catarina.mangas@ipleiria.pt

LUÍSA PIMENTEL

Doutora em Sociologia, na especialidade de Sociologia da Família e da Vida Quotidiana Professora na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

luisa.pimentel@ipleiria.pt

JENNY SOUSA

Doutora em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro

Professora Adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria

jenny.sousa@ipleiria.pt

RESUMO

A contemporaneidade é marcada por novos desafios no modo como se percebe a velhice e o envelhecimento, originando diversas respostas na procura de práticas promotoras de bem-estar e de um maior envolvimento dos cidadãos nas suas comunidades. Neste quadro, demarca-se o conceito de envelhecimento ativo e saudável, amplamente relacionado com a inclusão social e a solidariedade entre gerações, onde a educação detém um papel importante. Tendo estes pressupostos como pano de fundo, será apresentado o Projeto ProAlfa - Alfabetização de e para seniores, desenvolvido com residentes de uma estrutura residencial do Concelho de Leiria e estudantes seniores do Programa 60+ do Instituto Politécnico de Leiria, Portugal. Este projeto concretizou-se em oficinas de aprendizagem da leitura e da escrita, a partir de estratégias de animação socioeducativa, numa lógica de promoção da interação social. Os dados recolhidos, a partir da observação direta e das entrevistas semiestruturadas dirigidas aos participantes (estudantes seniores do Instituto Politécnico de Leiria e residentes da AMITEL), permitem concluir que as

¹ Recebido em 29 de janeiro de 2024. Aprovado em 08 de abril de 2024.

oficinas dinamizadas constituíram momentos de promoção do bem-estar, da autonomia e do convívio entre as gerações envolvidas favorecendo o(s) seu(s) processo(s) de envelhecimento.

Palavras-chave: Educação. Cidadania. Seniores. ProAlfa.

ABSTRACT

Contemporary life is marked by new challenges in the way old age and ageing are perceived, giving rise to various responses in the search for practices that promote well-being and greater involvement of citizens in their communities. In this context, the concept of active and healthy ageing stands out, widely related to social inclusion and solidarity between generations, where education plays an important role. With these assumptions as a backdrop, we will present the ProAlfa Project - Literacy for and by seniors, developed with residents of a residential structure in the municipality of Leiria and senior students from the 60+ Programme at the Polytechnic Institute of Leiria, Portugal. This project took the form of workshops for learning to read and write, using socio-educational animation strategies to promote social interaction. The data collected from direct observation and semi-structured interviews with the participants (senior students from the Polytechnic Institute of Leiria and AMITEI residents) allows us to conclude that the workshops promoted well-being, autonomy and conviviality among the generations involved, contributing to their ageing process(es).

Keywords: Education. Citizenship. Seniors. ProAlfa.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, as questões associadas à participação dos indivíduos na sociedade, ao exercício de uma cidadania ativa e ao fortalecimento de relações intergeracionais assumem particular importância num contexto de grande transição demográfica e acentuada diversidade cultural. As sociedades, nomeadamente as europeias, são, neste século XXI, espaços que proporcionam maior longevidade aos seus cidadãos e com isso defrontam-se com desafios associados ao seu bem-estar, qualidade de vida, educação e participação sociocultural. Os “cabelos grisalhos” representam mais de 20% da população dos países da União Europeia (Eurostat, 2020). Este fenómeno, de contornos irreversíveis, tem sido objeto de preocupação, análise e intervenção de vários organismos internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Comissão Europeia (CE) e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). Em 1992, o Conselho das

Comunidades Europeias, no âmbito da organização do Ano Europeu dos Idosos e da Solidariedade entre as Gerações, apelava à apresentação de iniciativas dos diversos estados-membros com o propósito de “Valorizar a contribuição positiva das pessoas idosas e a solidariedade entre as gerações; d) Promover a participação activa das pessoas idosas na sociedade; e) Desenvolver o diálogo e a compreensão mútua na Comunidade para melhor enfrentar os desafios do envelhecimento” (Jornal Oficial das Comunidades Europeias, 1992, p. 43-45).

Destacamos, também, o plano de ação para a elaboração de uma política internacional sobre o envelhecimento adotado em Madrid, na II Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento (ONU, 2003). Neste evento, os governos representados manifestaram a necessidade de construir uma “Sociedade para todas as idades”, a partir de medidas que promovessem as trocas entre gerações.

Reforçando estas recomendações é de salientar a celebração do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre as Gerações em 2012, como forma de sensibilizar para a importância das pessoas mais velhas e para a relevância dos seus contributos nos diversos contextos socioculturais em que se inserem.

Mais recentemente (2017), a Estratégia Nacional para o Envelhecimento Ativo e Saudável (2017-2025), decorrente do Plano de Ação Global da OMS e das orientações da União Europeia, procura sensibilizar para a importância do envelhecimento ativo e saudável e da solidariedade entre gerações, promovendo a mudança de atitudes em relação ao envelhecimento e às pessoas idosas.

Se este fenómeno nos apresenta um conjunto de desafios e dilemas, também devemos considerar os aspetos positivos para os processos de desenvolvimento individuais e coletivos. A nossa análise fundamentar-se-á nesta perspetiva, trazendo para a discussão exemplos de oportunidades para a integração, participação e promoção de uma cultura de convivência, de reconhecimento das diversidades, para pessoas idosas, assentes em estratégias de educação ao longo da vida. Para tal, apresentamos a experiência do Projeto ProAlfa – Oficinas de Alfabetização de e para seniores.

ENVELHECIMENTO, EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Nas últimas décadas há um reconhecimento de que o processo de envelhecimento deve ter em conta não apenas a dimensão biológica, psicológica, de saúde, mas também a dimensão sociocultural onde as pessoas idosas se inserem, bem como as suas atitudes e expectativas perante a vida.

Estamos diante de um fenómeno complexo, multidimensional e multifatorial, que tem desafiado os decisores políticos, os organismos internacionais e os investigadores a dirigir-lhe um olhar atento e interventivo. Com efeito, vivemos numa nova realidade demográfica e social, que se materializa num novo paradigma de envelhecimento. Este paradigma preconiza a otimização das oportunidades de saúde, de participação e de segurança, procurando a melhoria da qualidade de vida das pessoas à medida que estas envelhecem, indo ao encontro do que a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2015) chamou de envelhecimento ativo. Mais recentemente, esta organização coloca um maior enfoque na dimensão do envelhecimento saudável, sendo, no entanto, de salientar que o envelhecimento ativo e saudável vai para além da ausência de doença, valorizando-se, sobretudo, a funcionalidade e a capacidade de adaptação em diversos contextos (OMS, 2015).

Vivemos, portanto, numa época em que o envelhecimento ativo e saudável é uma preocupação de todos e que abrange as múltiplas esferas da sociedade (Gonçalves, 2018). Como adverte António Simões (2011), quer queiramos, quer não, o mundo de hoje não é dos jovens, mas dos adultos e cada vez mais dos adultos mais velhos, e neste particular, o quadro de referência deve assentar na promoção da participação ativa dos indivíduos, num processo paralelo de resignificação de estereótipos socialmente construídos sobre a velhice, conjuntamente com exigências de condições de vida mais respeitadas e o alargamento de possibilidades de realização de projetos pessoais. Não nos podemos esquecer, tal como explica Milheiro (2020), que metade de nós são os outros. Portanto, no processo de envelhecer a componente grupal e comunitária é muito importante, enquadrada continuamente em construções de sentido.

No âmbito dos estudos sobre o envelhecimento e das respostas políticas que devem ser dadas nesta área, principalmente em aspetos associados à saúde e ao bem-estar dos mais velhos, muitos esforços têm sido feitos e muito se tem conseguido (Fonseca, 2018; Quaresma, 2016).

Ora, uma breve análise às últimas décadas facilmente deixa perceber que o modo como se percebe a velhice e o envelhecimento sofreu profundas transformações, consubstanciando-se na criação de ambientes mais favoráveis ao bem-estar das populações em idade avançada. Simultaneamente, assistiu-se à criação de políticas de natureza mais transversal e à implementação de estratégias de atuação multidisciplinares, flexíveis e de proximidade, de modo a permitir que todas as pessoas idosas possam desfrutar de uma vida ativa e saudável, nas suas comunidades (Fonseca, 2018, 2021). Assim, falar hoje de envelhecimento ativo e saudável implica contemplar um processo de cidadania plena e ativa, onde as oportunidades de participação têm uma forte relação com a percepção de qualidade de vida (OMS, 2015).

Neste contexto conceptual, o processo de envelhecimento é, antes de mais, uma experiência positiva de realização de bem-estar físico, social e mental ao longo da vida, que deve ocorrer de acordo com as necessidades, desejos e capacidades de cada indivíduo (Villas-Boas, 2017).

Estamos, portanto, perante um fenómeno multidimensional que implica independência e autonomia, sentir-se útil e integrado na sociedade, contribuindo de modo ativo para o bem-estar social.

Enquanto investigadores, consideramos que a educação, dirigida a todos e em diversos contextos, desempenha um importante papel na promoção de um processo de envelhecimento que seja, como referido acima, simultaneamente saudável, inclusivo, potenciador de momentos intergeracionais e ativo, do ponto de vista físico, mas, sobretudo, no exercício de uma cidadania plena, indo, desta forma, ao encontro das recomendações internacionais (World Health Organization, 2002, 2020; União Europeia, 2018; SNS, 2017).

Neste sentido, a educação ao longo da vida tem estado no centro das políticas públicas, nacionais e internacionais, por um lado associada a questões economicistas,

orientada para o trabalho, mas, por outro, apontada como estratégia para a inclusão e democratização (Biesta, 2006), contribuindo para o desenvolvimento pessoal e comunitário, para o envolvimento e participação dos indivíduos nas sociedades. Na verdade, e de acordo com o Manifesto para a Educação de Adultos no século XXI (2019), as pessoas idosas que continuam a apreender são mais ativas e, por isso, mais saudáveis. Pode ler-se ainda, no mesmo documento, que a aprendizagem ao longo da vida fornece competências, informações, espaços de debate e criatividade, contribuindo para processos de desenvolvimento e de realização pessoal.

Dirigindo o nosso olhar para as pessoas idosas, entendemos que os conhecimentos e as experiências da vida devem ser percebidas como valiosas fontes de saberes, para os próprios e para a sua comunidade de pertença. A intervenção neste contexto de velhice tem resultado, entre outros, na criação de Universidades Seniores e de Programas de Formação Sénior em diversos contextos, incluindo o ensino superior, que se assumem como espaços privilegiados de partilha, desses saberes, e aquisição de muitos outros.

Partilhamos do entendimento de Cachioni e Neri (2008) quando referem que a dinamização de oportunidades educativas para as pessoas idosas deverá ser pensada como forma de contribuir para manter a funcionalidade e promover o desenvolvimento individual. Em outra publicação, referimos, a este propósito, que deverá também ser um estímulo para a interação social e para o exercício de uma cidadania ativa (Lopes et al., 2019).

Com efeito, há muito que a literatura científica (Bjursell, 2019; Faleiros, 2013; Fonseca, 2021; Narushima, Diestelkamp, 2018; Simões, 2011) alerta para a importância que os processos de educação e aprendizagem ao longo da vida assumem enquanto colunas dorsais na complexa adaptação às realidades socioculturais na fase mais tardia do processo de desenvolvimento humano.

O formato das iniciativas socioeducativas para os cidadãos mais velhos pode e deve assumir diferentes contornos e objetivos, como forma de mitigar algumas desigualdades sociais e ou apresentar-se como oportunidades formativas, que até então não foi possível concretizar. Devem assumir-se como contextos de promoção do bem-estar, da autonomia e da relevância das pessoas idosas, favorecendo o seu processo de envelhecimento, como

referido por Fonseca (2018, 2021). Estas potencialidades podem ser ainda mais acentuadas se estas iniciativas se desenvolverem em espaços multigeracionais, que potenciem a convivência e a aprendizagem entre gerações (Pimentel et al., 2019; Vilas-Boas, 2015).

Sabemos que as gerações mais idosas são as que tiveram um acesso mais limitado à educação formal e as que apresentam níveis de alfabetização mais baixos (Cavaco, 2018). São também estas pessoas que mais frequentemente são acolhidas em estruturas residenciais. Estes dois fatores, associados a um acréscimo da vulnerabilidade nas idades mais tardias (Quaresma, 2016), podem conduzir a um desequilíbrio, a seu desfavor, nas interações que estabelecem com os cuidadores, pois pode diminuir a sua capacidade de decisão e de autodeterminação (Faleiros, 2013; Guimarães, 2012; Guedes, 2012).

Nestes espaços de vida, é essencial adotar estratégias que permitam desenvolver a capacidade de decisão e o seu empoderamento, atenuando, como refere Pinto (2013) a ausência de poder das pessoas idosas enquanto utentes das organizações e dos serviços de apoios sociais e de saúde.

Uma das estratégias que é possível desenvolver, passa pela estimulação de competências comunicacionais, que permitam aceder a informação e a plataformas de interação, que diminuam o sentimento de exclusão das dinâmicas quotidianas das suas comunidades. Para muitas destas pessoas, a entrada numa estrutura residencial representou uma rutura, total ou parcial, com os lugares a que pertenciam e com suas redes relacionais (Cardão, 2009; Guedes, 2012). O trabalho com grupos de voluntários que se deslocam às instituições para realizar atividades estimulantes do ponto de vista cognitivo, pode ser uma das formas de manter esta ligação ao exterior, de evitar a rutura relacional, bem como o isolamento e a alienação social que lhe estão associadas, para que, mesmo residindo em instituições, as pessoas idosas possam fazer parte da vida em comunidade (Fonseca, 2021).

A possibilidade de se envolverem em práticas formativas desperta grande interesse, uma vez que muitos não puderam frequentar um estabelecimento de ensino, iniciando a sua atividade laboral em idades precoces. A aprendizagem da leitura e da escrita é, para estes destinatários, mais do que a promoção de competências que permitem o acesso à informação e à expressão através de um código escrito, uma prática humana que os faz sentir incluídos em espaços socioculturais característicos de uma sociedade letrada (Filho,

2016; Oliveira, 2019), uma vez que traz “[...] a possibilidade de usar esse conhecimento ou unidade de sentido em benefício legítimo de suas formas de expressão e linguagens” (Oliveira, 2019, p. 9).

Alfabetizar, nesta perspectiva, “pode promover diálogos que resgatem alegria de viver, desejo de ler o mundo e reescrever a vida com a linguagem que eles puderem elaborar, enfim sobre as possibilidades de vida inteligente e ativa na terceira idade” (Oliveira, 2019, p. 4).

Neste sentido, a promoção de atividades de alfabetização para as pessoas idosas que se encontram em ERPI, assumem um carácter relevante pela criação de oportunidades de interação, de aprendizagem, de valorização pessoal, entre outros aspetos empoderadores do “Eu” e do “Nós”.

O PROJETO PROALFA: CONTEXTUALIZAÇÃO E METODOLOGIA

Partindo dos pressupostos acima expressos, surgiu a necessidade de criar novas dinâmicas para pessoas idosas que se encontram em Estruturas Residenciais para Idosos (ERPI), com o propósito de potenciar e aumentar a interação social entre gerações relativamente próximas e de partilhar conhecimentos e experiências que os aproximem da comunidade onde se inserem. Neste sentido surgiu, em 2016, no âmbito de um estágio de estudantes da licenciatura em Serviço Social do Instituto Politécnico de Leiria, um primeiro projeto de alfabetização de idosos que continuou após o término de estágio, ao longo do ano de 2017, ainda com um carácter informal/experimental. Em 2018 o projeto ganhou a designação de ProAlfa –Alfabetização de e para Seniores, tendo uma estrutura mais consolidada e o apoio de docentes e investigadores do Instituto Politécnico de Leiria e de um animador sociocultural da Associação de Solidariedade Social de Marrazes, Leiria (AMITEI).

O Projeto começou por contar com cerca de uma dezena de participantes, verificando-se, ao longo da sua implementação, um aumento considerável do número de idosos interessados na iniciativa. Embora nem sempre o número de elementos se mantenha estável, o grupo chegou aos 20 seniores, o que levou, inclusivamente, a equacionar a

criação de dois turnos, no sentido de se desenvolver um trabalho mais individualizado, assegurando que todos recebam a devida atenção.

O ProAlfa, desenvolvido em parceria entre a AMITEI e o Programa 60+, do Instituto Politécnico de Leiria², apresenta-se como um projeto de animação socioeducativa, atribuindo especial importância à interação grupal, aos diferentes processos de participação, pessoal e social, onde cada pessoa se assume como protagonista do seu próprio processo de bem-envelhecer (Martins, 2015; Martín, 2007; Osorio, 2004). Neste sentido, o projeto surgiu com o propósito de: (a) criar oficinas de alfabetização que promovam a aprendizagem da leitura e da escrita, dirigidas a pessoas idosas em estruturas residenciais; (b) promover a interação social e incentivar a partilha de saberes e experiências, valorizando as competências adquiridas ao longo da vida. O projeto foi interrompido pela pandemia, a partir de março de 2020, encontrando-se presentemente suspenso, até que estejam, novamente, reunidas as condições de saúde e segurança para o retomar.

As oficinas de leitura e escrita tinham a duração de noventa minutos e eram dinamizadas semanalmente, às segundas-feiras de manhã, no edifício da AMITEI.



Figura 1 e 2 – Oficinas de leitura e escrita na AMITEI

Os participantes

A dinamização das oficinas era assegurada, de forma voluntária, por estudantes seniores do Programa 60+, do Instituto Politécnico de Leiria, com o apoio do animador sociocultural da AMITEI. Os voluntários, cerca de 4, nem sempre os mesmos desde o

² <http://60mais.ipleiria.pt/>

início do projeto, tomavam conhecimento da iniciativa a partir da divulgação feita pela Coordenação do Programa, no início de cada ano letivo, manifestando a sua disponibilidade. Estes realizavam um trabalho individualizado, que procurava estimular competências de leitura e escrita e, em concomitância, habilidades cognitivas. As sessões eram marcadas por momentos de afeto, que davam azo à partilha de histórias de vida e à troca de experiências e expectativas, assegurando o respeito pelos ritmos e necessidades de cada um.

Os participantes, são utentes da ERPI e Centro de Dia (CD) da AMITEI, com idades compreendidas entre os 58 e os 102. O número de presenças nas sessões apresentava alguma irregularidade, entre 15 a 20 elementos, pelo facto de serem pessoas idosas, alguns com problemas de saúde que os impedia de participar.

As sessões

A partir das 9h30, a sala onde as oficinas se desenrolavam, começava a ser preparada pelos estudantes do Programa 60+, com os materiais de leitura e escrita previamente seleccionados para cada sessão, que atendiam às necessidades de cada um. Perto das 10h, começavam a chegar os participantes, uns de forma autónoma, outros auxiliados por colaboradores da instituição.

Durante noventa minutos, as atividades realizadas eram diversas, e não eram iguais para todos. Aconteciam momentos de leitura individual, autónoma ou orientada, para os que dominavam o processo de leitura, de contos tradicionais e outra literatura escolhida pelos dinamizadores, procurando ir ao encontro do gosto literários e dos contextos de vida dos participantes; de escrita de palavras simples e compostas; de identificação visual das letras do alfabeto para a representação escrita do nome individual e também momentos de pintura e desenho, uma atividade que era realizada, sobretudo, no final de cada sessão para descontrair e treinar a motricidade fina.

Procurou-se que as sessões fossem ao encontro das expectativas dos participantes, apresentando recursos pedagógicos adequados às características individuais de cada um, evitando aplicar atividades que são dirigidas a públicos infantis, evitando a desadequação e descontextualização de conhecimentos e experiências.

De salientar a escassez de recursos para públicos adultos, pouco escolarizados, constrangimento bastante identificado pelos dinamizadores que a cada sessão foram adaptando e construindo o material necessário.

Ao longo das sessões procurou-se desenvolver uma investigação-ação que teve início com uma planificação a partir da qual se desenvolveram as sessões, avaliação (através da aplicação de técnicas de recolha de dados) e reflexão, tal como defende Coutinho et al. (2009).

Iniciou-se o processo com o preenchimento de uma checklist que procurou identificar as competências leitoras e a capacidade de escrita dos residentes da AMITEI que se inscreveram nas sessões de alfabetização do ProAlfa. A partir da sua análise, foi possível verificar que alguns idosos não possuíam qualquer conhecimento nestas áreas, havendo outros casos em que os conhecimentos eram muito elementares e, ainda, situações em que a frequência de alguns anos de escolaridade permitiu desenvolver capacidades de leitura e escrita. As diferentes realidades encontradas foram tidas em consideração na preparação das sessões levadas a cabo na AMITEI, sendo preparados recursos pedagógicos com dois níveis (inicial e avançado), face às competências dos seus residentes.

Ao longo das sessões, e no sentido de conhecer em profundidade todo o processo, refletindo e agindo sobre ele, foram realizadas observações diretas e entrevistas semiestruturadas aos participantes (estudantes seniores do Instituto Politécnico de Leiria e residentes da AMITEI). Para o efeito, partiu-se de duas grandes questões:

1) Quais as perceções dos estudantes do Programa 60+ (Instituto Politécnico de Leiria) relativamente ao projeto ProAlfa?

2) Quais as perceções dos seniores da AMITEI sobre a sua participação no projeto ProAlfa?

A primeira questão levou à definição de objetivos que se centraram no conhecimento dos percursos de vida dos estudantes do Instituto Politécnico de Leiria, procurando verificar se, ao longo das suas trajetórias, pessoais e profissionais, tiveram experiência na dinamização de atividades com pessoas idosas. Em articulação com este objetivo, foi ainda definido como propósito do estudo a análise das razões que levaram estes estudantes seniores a abraçar o ProAlfa, percebendo-se se os motivos estão

relacionados com as vivências anteriores ou se há outros fundamentos para a sua decisão de se voluntariarem para dinamizar as sessões de alfabetização. Por fim, a entrevista realizada aos estudantes do Programa 60+ teve, ainda, a intenção de recolher as expectativas destes voluntários relativamente à sua participação no projeto e à possível influência que o mesmo pudesse ter nos residentes da AMITEI.

Para obter resposta à segunda questão de investigação, foi preparado um guião de entrevista que incluiu 16 questões, em que 12 pressupunham uma resposta fechada, sendo que destas 2 eram pergunta-filtro (Bryman, 2012) e 4 respostas abertas. Estas questões procuraram recolher dados que permitissem conhecer os motivos que levaram os residentes da ERPI a participar nas sessões de alfabetização do ProAlfa, identificando as atividades que realizaram e, dentre estas, as que mais valorizaram. Teve-se, ainda, como propósito, conhecer as expectativas destes participantes relativamente ao projeto.

Numa fase prévia à realização das entrevistas, e de forma a garantir os princípios éticos da investigação, os objetivos do estudo foram apresentados a todos os participantes, tendo-se averiguado a livre e espontânea vontade de nele participarem. Na mesma ocasião, foram recolhidas as devidas autorizações da instituição participante (AMITEI) e o consentimento dos estudantes e das pessoas idosas institucionalizadas, através de uma declaração de consentimento informado, esclarecido e livre que, no caso dos participantes analfabetos, foi apresentada e lida em voz alta pelos investigadores.

Todos os dados recolhidos a partir das entrevistas semiestruturadas foram analisados através da técnica de análise de conteúdo, que permitiu codificar categorias e subcategorias, a partir de pesquisa bibliográfica e dos objetivos definidos para o estudo e espelhados nos guiões de entrevista (Bardin, 2009). Para o efeito foi utilizado o software online de análise qualitativa MAXQDA, que contribuiu para uma organização do acervo, valorizando a diversidade e o cruzamento de perspectivas, o que se acredita, tal como defende Costa e Amado (2018), que possa ter contribuído para reforçar a qualidade da investigação levada a cabo e a potenciação dos seus resultados.

Tanto as entrevistas aos estudantes do Programa 60+ como as realizadas aos idosos da AMITEI foram codificadas. No caso das primeiras, foram utilizados os códigos EM1,

EM2, EM3 e EM4 e aos idosos foi atribuído o código E seguindo-se as letras do alfabeto, de A a P (EA a EP).

O PROJETO PROALFA: APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No momento da recolha de dados contou-se com a participação de quatro estudantes seniores do Instituto Politécnico de Leiria e dezasseis utentes da ERPI e Centro de Dia (CD) da AMITEI. Os estudantes do Programa 60+ são quatro senhoras reformadas, com idades compreendidas entre os 69 e os 73 anos, tendo duas o grau de licenciatura, uma o Ensino Secundário e outra o 3º Ciclo do Ensino Básico. Importa referir que as participantes com um nível de formação escolar mais baixo exerceram funções como técnicas administrativas, tendo a formação de nível superior contribuído para o desempenho de outras profissões (gestora de processos de crianças e jovens; professora).

Já os residentes caracterizaram-se por terem idades compreendidas entre os 68 e os 102 anos, encontrando-se um grande desequilíbrio relativamente ao número de participantes por sexo, já que 13 são mulheres e 3 são homens. Esta supremacia de participantes femininas é consonante com outras investigações que envolveram como participantes pessoas idosas que se encontram institucionalizadas (Santos, Lopes, Lobão, 2018; Filho, Massi, Ribas, 2014).

Ao analisar a escolaridade dos participantes, foi possível verificar que metade não frequentou a escola sendo, por isso, analfabeta, e os outros 50% referem ter frequentado apenas o 1º Ciclo do Ensino Básico, apresentando, assim, baixos níveis de literacia. A baixa formação encontra-se refletida na tipologia de profissões que os participantes exerceram, sendo essencialmente técnicas, contando-se com cinco empregadas domésticas, duas agricultoras, duas operárias, duas costureiras, um carpinteiro, uma cozinheira, um pedreiro e um vendedor (um dos idosos participantes não respondeu a esta questão).

Da análise dos objetivos do estudo, anteriormente identificados, é possível encontrar pontos de confluência entre os dois grupos de participantes, estudantes e idosos da AMITEI e, ainda, alguns objetivos específicos definidos para cada um deles. Na tabela 1, encontra-

se uma síntese que retrata essa realidade, e a partir da qual se apresentarão os resultados alcançados.

Tabela 1 – Síntese dos objetivos do estudo e identificação dos respectivos participantes

	Estudantes 60+	Idosos da AMITEI
1. Conhecer a experiência na dinamização de atividades para idosos	X	
2. Conhecer as motivações para participar no ProAlfa	X	X
3. Identificar as atividades realizadas e as mais valorizadas		X
4. Expetativas relativamente ao projeto	X	X

Não tendo sido definidos critérios de exclusão/inclusão para a seleção de estudantes do Programa 60+ que iriam dinamizar as sessões de alfabetização, excetuando a sua vontade de participar, importou saber se as quatro voluntárias tinham experiência na dinamização de ações dirigidas a idosos, integradas no seu percurso profissional ou em atividades de ordem mais pessoal. A partir dos dados recolhidos foi possível verificar que duas das entrevistadas (EM2 e EM3) têm contacto regular com pessoas idosas, procurando auxiliá-las em tarefas domésticas, como tratar da roupa ou alimentação, acompanhando-as, ainda, em questões relacionadas com a saúde. Já as entrevistadas EM1 e EM4 não demonstraram experiência nem interação regular com pessoas idosas.

A experiência na dinamização de atividades cujos destinatários são idosos, poderia, eventualmente, contribuir para aumentar ou reduzir a motivação dos estudantes para o envolvimento no ProAlfa. Para além dessa eventual razão, procurou-se conhecer outros fundamentos que estivessem na base da vontade de contribuir para a alfabetização dos idosos da AMITEI. Dos dados recolhidos foi possível constatar que as entrevistadas com experiência prévia com idosos (EM2 e EM3) se destacam das restantes por identificar, claramente, como uma motivação intrínseca, a vontade de ajudar os outros. Foi, também, apresentada como motivação o sentimento de realização pessoal que o projeto poderia

trazer às entrevistadas EM1, EM2 e EM3. Estes motivos altruístas vão ao encontro das perspetivas expressas na literatura científica, que retratam que ações de voluntariado desenvolvidos por pessoas mais velhas contribuem para sentimentos de solidariedade, de satisfação pessoal e de utilidade na sociedade (Serapioni, 2013). Uma das estudantes apontou, ainda, outra razão para participar ativamente no ProAlfa, que se prende com o facto de considerar que esta participação se torna uma forma de aplicar algumas perspetivas teóricas sobre a aprendizagem dos adultos (EM1), o que vai ao encontro de alguns estudos (Lopes; Pimentel, 2017; Roldão, 2009) que reconhecem que o envolvimento em atividades socioeducativas e culturais estimula a participação social, potencia novas aprendizagens e contribui para um envelhecimento que se quer ativo e saudável.

A perspetiva sobre as motivações que cada participante considera terem contribuído para o envolvimento no Projeto ProAlfa foram, também, tal como se pode constatar na Tabela 1, o mote para a colocação de algumas questões dirigidas aos idosos da AMITEI. Estes começaram a frequentar semanalmente as oficinas de alfabetização, acima de tudo, por vontade própria (68,75%), embora algumas pessoas (25%) afirmem que tal decorreu da sugestão da ERPI. Apenas uma pessoa apresenta outra razão para iniciar a sua participação no ProAlfa, que se prende com o facto do cônjuge também querer participar. Ao longo das sessões, o fator que mais pesou na decisão de continuarem, regularmente, a ir às sessões, foi o facto destas serem dinamizadas por pessoas voluntárias, também elas idosas (87,5%) – “gosto muito das senhoras professoras que nos ajudam aqui” (EA), seguindo-se a constatação de que era uma boa oportunidade para conviver com outros utentes (62,5%) - “ajuda a passar o tempo e podemos conviver uns com os outros” (EB).

As respostas dos idosos da AMITEI demonstram, claramente, que estes valorizam o projeto, o que é reforçado pelo facto da grande maioria (81,25%) propor que mais sessões fossem dinamizadas, em detrimento de apenas uma por semana. Reconhece-se que este trabalho mais frequente poderia contribuir para a melhoria das competências de leitura e escrita dos participantes, corroborando, assim, a perspetiva de Cavaco (2018), que defende que nos processos de alfabetização, se podem alcançar melhores resultados quando é desenvolvido um trabalho contínuo e sistemático. Poderia, ainda, contribuir para potenciar a participação das pessoas idosas nas dinâmicas institucionais e para atenuar o

conformismo que, por vezes, se instala e que decorre, em parte, do que Guedes (2012) designa de “lugares de liberdade vigiada”, em que o papel dos indivíduos é definido e modelado pelas instituições.

O terceiro objetivo, expresso na Tabela 1, foi definido especificamente para recolher a perspetiva dos idosos da AMITEI acerca das atividades em que participam, conhecendo as que são identificadas como mais prazerosas. O Projeto ProAlfa foi planeado tendo em conta o nível de leitura/escrita dos participantes, mas também os seus desejos, necessidades, tal como defendem Villas-Boas, Oliveira, Ramos e Montero (2017) resultando num conjunto diverso de atividades que vão desde a pintura, a ações especificamente criadas para automatizar a leitura e para promover a escrita de pequenos textos e frases simples, a partir de literatura infantil adaptada a estes destinatários e tendo também por base textos de manuais da área da educação de adultos. A partir dos dados foi possível constatar que a pintura é a escolha preferencial de 50% dos respondentes, seguindo-se a leitura (25%). As atividades de escrita são as menos queridas dos participantes, já que apenas 19% as identificou como sendo os momentos que mais gostam de frequentar. Para um dos entrevistados, a resposta dada prende-se com a oportunidade de conviver que, não sendo uma atividade específica, é uma potencialidade que decorre desta, tendo também sido considerada na Tabela 2, que sintetiza o valor que os entrevistados atribuem às diferentes tipologias de atividades.

Tabela 2 – Atividades desenvolvidas

		Participantes	
		N=16	N=%
Valorização das atividades	Escrita	3	18,75
	Leitura	4	25
	Pintura/desenho	8	50
	Outras (Convívio)	1	6,25

Fonte: elaborada pelos autores

A pintura/desenho reúne maior aprovação dos entrevistados, embora estes reconheçam que o ProAlfa é útil para promover a capacidade de leitura e escrita de palavras, frases e pequenos textos, realçando, no entanto, que “nesta idade é tudo mais difícil” (EB).

O quarto e último objetivo procurou ser atingido através da recolha de dados junto de todos os participantes (quatro estudantes do Programa 60+ e 16 idosos da AMITEI), no sentido de perceber as expectativas dos mesmos relativamente à sua participação no Projeto ProAlfa, cruzando o ponto de vista dos dinamizadores com o dos formandos das oficinas.

Tendo por base a perspetiva de Boutinet (1996), que defende que em todas as fases da vida é importante ter aspirações e desejos de concretização, foi perguntado aos idosos se consideravam que este projeto era uma oportunidade para concretizar um desejo adiado. Da análise dos dados foi possível perceber que oito pessoas não responderam à questão, formulando discursos ambíguos que se entendem justificar-se pela dificuldade de compreensão oral. Estes casos foram agrupados na categoria ‘Não sabe’. Por seu turno, 6 entrevistados confirmaram que entendiam que este projeto podia ser uma forma de vir a desenvolver competências que nunca tiveram a oportunidade de aprimorar ou, até, de iniciar (“O meu sonho é um dia conseguir vir a ler!” - EC). No entanto, dois utentes têm uma opinião diferente, já que assumem não ter sonhos e, portanto, não ter, também, ambições (“Com esta idade já não há sonhos para concretizar” - ED). Ainda assim, entendemos, tal como Lopes e Pimentel (2017) e Filho, Massi e Ribas (2014), que o envolvimento das pessoas mais velhas em atividades que estimulem as suas capacidades cognitivas e funcionais é sempre uma oportunidade para promover novas experiências e aprendizagens, contribuindo para a formação integral dos indivíduos e tendo, neste sentido, um preponderante papel na sua inclusão na comunidade a que pertencem. Esta perspetiva vai, também, ao encontro das opiniões expressas nas entrevistas realizadas às quatro voluntárias do Programa 60+. Estas entendem que o ProAlfa pode trazer benefícios tanto para quem dinamiza as sessões como para quem as frequenta, já que elas se sentem valorizadas ao receberem manifestações de carinho e gratidão dos formandos e entendem que estes últimos veem as suas capacidades cognitivas e motoras estimuladas (EM2; EM3), aumentam as interações interpessoais e o nível de valorização pessoal (EM1, EM2, EM3,

EM4) e aceitação do e pelo outro (EM2) o que, tal como preconizam Filho (2016) e Oliveira (2019), pode contribuir para aumentar o sentimento de inclusão na sociedade em que vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto ProAlfa foi dinamizado com o objetivo de contribuir para a promoção de competências de leitura e escrita de idosos institucionalizados, mas teve sempre em mente o intuito maior de contribuir para um envelhecimento participativo, ativo e saudável, tanto dos seus destinatários como dos seus dinamizadores.

De acordo com o apresentado na primeira parte deste trabalho, cruzado com os dados recolhidos e analisados, este projeto foi, antes de mais, uma experiência positiva de realização de bem-estar físico, social e mental, ao proporcionar oportunidades para trocar experiências e aprendizagens entre as diferentes faixas etárias, servindo como um meio determinante para promover a coesão social, a solidariedade e a interdependência positiva entre gerações (Vilas-Boas, 2015).

Com efeito, a aprendizagem da leitura e da escrita, apesar de possibilitar a promoção de competências que permitem o acesso à informação e à expressão e, por inerência, a uma maior inclusão numa sociedade letrada (Filho, 2016), assumiu um papel bastante mais abrangente neste projeto. Conscientes de que a educação pode desempenhar um papel importante na promoção de bem-estar, estas atividades intergeracionais foram, acima de tudo, espaços privilegiados de desenvolvimento, de adaptação às mudanças associadas ao envelhecimento e ao acolhimento em estruturas residenciais, e de exercício de cidadania plena (OMS, 2015; Cardão, 2009).

O Projeto ProAlfa teve sempre como principal preocupação promover a interação social entre gerações relativamente próximas e potenciar a partilha de conhecimentos e de experiências que aproximassem os participantes à comunidade onde se inserem, atribuindo especial importância à interação grupal e aos e aos processos de construção da identidade pessoal (Narushima, Diestelkamp, 2018). As várias sessões dinamizadas assumiram-se, portanto, como contextos de promoção do bem-estar, da autonomia e da relevância de todos

os participantes, favorecendo o(s) seu(s) processo(s) de envelhecimento (Fonseca, 2018; Bjursell, 2019).

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BIESTA, Gert. What`s the point of lifelong learning if lifelong learning has no point? On the democratic deficit of policies for lifelong learning. **European Educational Research Journal**, v. 5, n. 3/4, p. 169-180, 2006. Disponível: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.2304/eerj.2006.5.3.169>. Acesso em: 5 jan. 2008

BJURSELL, Cecilia. Inclusion in education later in life: Why older adults engage in education activities. **European Journal for Research on the Education and Learning of Adults**, v. 10, n.3, 2019, p. 215-230. Disponível em: <https://rela.ep.liu.se/article/view/3855>. Acesso em: 17 dez. 2019

BOUTINET, Jean Pierre. **Antropologia do Projecto**. Instituto Piaget, 1996.

BRYMAN, Alan. **Social Research Methods**. Oxford: Oxford University, 2012.

CACHIONI, Meire; NERI, Anita. Educação e Velhice Bem-Sucedida no contexto das Universidades da Terceira Idade. In Neri, A. Yassuda, M. (Orgs.). **Velhice Bem-Sucedida: Aspectos Afetivos e Cognitivos**. Campinas: Papyrus, 2008, p. 29-50.

CARDÃO, Sandra. **O idoso institucionalizado**. Lisboa: Coisas de Ler, 2009.

CAVACO, Carmen. Analfabetismo em Portugal – os dados estatísticos, as políticas públicas e os analfabetos. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 01, n. 02, jul./dez., 17-31, 2018.

COSTA, António; AMADO, João. **Análise de conteúdo suportada por software**. Aveiro: Ludomedia, 2018.

COUTINHO, Clara.et al. Investigação- acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. **Revista Psicologia, Educação e Cultura**, v. 13, n. 2, p. 355- 379, 2009.

EUROSTAT. **Archive**: Estrutura populacional e envelhecimento. 2020. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Population_structure_and_ageing/pt&oldid=510113. Acesso em: 7 fev. 2021

Rev. Interd. em Cult.e Soc. (RICS), São Luís, v.10, n. 1, jan./jun. 2024
ISSN eletrônico: 2447-6498

FALEIROS, Vicente de Paula. Autonomia Relacional e Cidadania Protegida: Paradigma para Envelhecer Bem. In CARVALHO, M. (Coord.). **Serviço Social no Envelhecimento**. Lisboa: Pactor, 2013, p. 35-48.

FILHO, Lourival. Alfabetização de Idosos: Aprendizagens da Leitura e da Escrita. **Debates em Educação**, v. 8, n. 15, p. 64-80, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2016v8n15p64>. Acesso em: 21 abr. 2018

FILHO, Paulo; MASSI, Giselle; RIBAS, Ângela. Escolarização e seus efeitos no letramento de idosos acima de 65 anos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 589-600, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13117>. Acesso em: 13 mar. 2015

FONSECA, António. **Boas práticas de Ageing in Place. Divulgar para valorizar. Guia de boas práticas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Faculdade de Educação e Psicologia — Universidade Católica Portuguesa, 2018.

FONSECA, António. **Ageing in Place. Envelhecimento em Casa e na Comunidade. Modelos e estratégias centrados na autonomia, participação social e promoção do bem-estar das pessoas idosas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Faculdade de Educação e Psicologia — Universidade Católica Portuguesa, 2021.

GONÇALVES, Nídia; ANICA, Aurízia. Contributos do teatro para o envelhecimento (cri)ativo. In ANICA, A. (Ed.), **Envelhecer no Algarve**. Universidade do Algarve, p. 137-151, 2018. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/10690/1/NMarta%20%26%20AAnica.pdf>. Acesso em: 4 out. 2019

GUEDES, Joana. **Viver num Lar de Idosos. Identidade em Risco ou Identidade Riscada**. Lisboa: Coisas de Ler, 2012.

GUIMARÃES, Paula. Cidadania e Envelhecimento. In CONSTANÇA, Paúl; RIBEIRO, Óscar (coord.). **Manual de Gerontologia**. Lisboa: Lidel, 2012. p. 289-297.

JORNAL OFICIAL DAS COMUNIDADES EUROPEIAS n.º. L 245/44, 1992, p 43-45.
Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:31992D0440&from=IT>. Acesso em: 16 maio 1995

LOPES, Sara; MANGAS, Catarina; SOUSA, Jenny; PIMENTEL, Luísa; MESQUITA, Miguel. Dynamic Literacy by Senior for Seniors, Motivations and Expectations. In Pyxel (Ed.), **9th International Conference The Future of Education**. Filodiritto Editore, 2019, p. 592-597. Disponível em: <https://conference.pixel-online.net/FOE/files/foe/ed0009/FP/5947-SED4076-FP-FOE9.pdf> . Acesso em: 8 jan. 2020

LOPES, Sara; PIMENTEL, Luísa. The IPL60+: an educational project for seniors of the Polytechnic of Leiria. In: **Minute book of International scientific conference of educational projects for seniors**. Euedito, 2017, p.27-30.

MARTINS, Ernesto. Educar adultos maiores na área da Educação social: a intergeracionalidade numa sociedade para todas as idades. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 40, n. 3, p. 665-686, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.5216/ia.v40i3.35750>

MARTÍN, António. Gerontologia educativa: enquadramento disciplinar para o estudo e intervenção socioeducativa com idosos. In OSÓRIO, A.; PINTO, F. (Coord.). **As pessoas idosas – Contexto social e intervenção educativa**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007. p.47-73.

MILHEIRO, Jaime. **Ensaio sobre os humanos...** Porto: Edições Univ. Fernando Pessoa, 2020.

NARUSHIMA, Miya; LIU, Jian; DIESTELKAMP, Naomi. I Learn, Therefore I am: A Phenomenological Analysis of Meanings of Lifelong Learning for Vulnerable Older Adults. **The Gerontologist**, v. 58, n. 4, p. 696-705, 2018. Disponível em: <https://academic.oup.com/gerontologist/article-abstract/58/4/696/3760146>. Acesso em: 23 fev. 2019

OLIVEIRA, Rosângela. Alfabetização e Letramento com Pessoas Idosas. In: **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019, p. 1-11. Disponível em <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58977>. Acesso em: 8 jan. 2020

OLIVEIRA, Rosângela; MOURA, Erica; SOUSA, Sumara. Alfabetização e Letramento na Terceira Idade: ações extensionistas para idosos em práticas sociais cotidianas. **Revista Práticas em Extensão**, v.2, n.1, p. 24-31, 2018.

ONU. **Declaración Política y Plan de Acción Internacional de Madrid sobre el Envejecimiento. Segunda Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento**, 2002. ONU, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE [OMS]. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. 2015. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6 Acesso em: 17 jun. 2016

OSORIO, Agustín. Animação sociocultural e educação de adultos. In TRILLA, J. (Coord.) **Animação Sociocultural – Teorias, Programas e Âmbitos**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004, p. 235-250.

PIMENTEL, Luísa; LOPES, Sara; PEDROSA, Bibiana; MAURÍCIO, Cezarina. Da multigeracionalidade à intergeracionalidade: refletindo sobre a aprendizagem intergeracional no ensino superior. **INFAD Revista de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 307-322,

Rev. Interd. em Cult.e Soc. (RICS), São Luís, v.10, n. 1, jan./jun. 2024
ISSN eletrônico: 2447-6498

2019. Disponível em: <https://revista.infad.eu/index.php/IJODAEP/article/view/1921>.
Acesso em: 19 jul. 2020

PINTO, Carla. Uma Prática de Empowerment com Adultos Idosos. In CARVALHO, M. I. (Coord.). **Serviço Social no Envelhecimento**. Lisboa: Pactor, 2013, p. 49-65.

QUARESMA, Maria de Lurdes; RIBEIRINHO, Carla. Envelhecimento – Desafios do séc. XXI. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 19, n. 3, p. 24-49, 2016.

ROLDÃO, Flávia. Aprendizagem contínua de adulto-idosos e qualidade de vida: refletindo sobre possibilidades em atividades de extensão nas universidades. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano da Universidade de Passo Fundo**, v. 5, n. 1, p. 61-73, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rbceh.2012.147>. Acesso em: 5 abr. 2010

SANTOS, Virgínia; LOPES, Sara; LOBÃO, Catarina. O contributo da Universidade Sénior de Pombal na promoção do envelhecimento ativo dos seus estudantes. **Res Net Health**, n.4, p. 1-4, 2018. <https://journals.ipleiria.pt/index.php/rnhealth/article/view/186>

SERAPIONI, Mauro et al. **Voluntariado em Portugal**: contextos, atores e práticas. Évora: Fundação Eugénio de Almeida, 2013.

SIMÕES, António. Um modelo mal sucedido de envelhecimento bem sucedido? **Psicologia Educação e Cultura**, v. XV, n. 1, p.7-27, 2011. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/5273/1/2011_PEC_1.pdf. Acesso em 28 mar. 2012

SNS. **Estratégia nacional para o envelhecimento ativo e saudável**. 2017-2025. SNS, 2017. Disponível em: <https://www.sns.gov.pt/wp-content/uploads/2017/07/ENEAS.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019

UNIÃO EUROPEIA. Recomendação do Conselho de 22 de maio de 2018 sobre as Competências Essenciais para a Aprendizagem ao Longo da Vida. **Jornal Oficial da União Europeia**, 2018. Disponível em: [https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32018H0604\(01\)&from=EN](https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:32018H0604(01)&from=EN). Acesso em: 23 fev. 2019

VILAS-BOAS, Susana. Intergeracionalidade. In OLIVEIRA, A.; BARRADAS, S. (Org.), **Gerontologia – Recurso Técnico Pedagógico**. Porto: Blossom Birds, 2015.

VILLAS-BOAS, Susana, OLIVEIRA, Albertina, RAMOS, Natália; MONTERO, Inmaculada. Educação Intergeracional como promotora do envelhecimento ativo: Estudo de uma comunidade local. **REIDOCREA**. v. 6, n. 10, p. 105-119, 2017. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6378/1/2017%20N.%20Ramos%20et%20al.%20Univ.%20Granada.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Active ageing: a policy framework**. Geneva: WHO, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO launches baseline report for decade of healthy ageing**. Geneva: WHO, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/17-12-2020-who-launches-baseline-report-for-decade-of-healthy-ageing>. Acesso em: 21 jul. 2021

Sara Mónico Lopes - Sara Mónico Lopes, é Licenciada (FCSH-UNL) e doutorada em antropologia (ISCTE-IUL). Professora Adjunta da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria. É investigadora integrada no Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e colaboradora no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, no polo de Leiria (CICS.NOVA.IPLeiria). A sua atividade científica e de docência centra-se nos domínios da antropologia e da educação, das metodologias de investigação, da educação permanente, do envelhecimento e da intergeracionalidade. Tem colaborado em diversos projetos de investigação, financiados e não financiados, tem participado em eventos científicos nacionais e internacionais e publicado em livros e revistas portuguesas e estrangeiras da especialidade. Foi coordenadora do Programa 60+ e do Mestrado em Intervenção para um Envelhecimento Ativo, do Instituto Politécnico de Leiria.

Catarina Mangas - Professora adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, é doutorada em Ciências da Educação – Formação de Professores, mestre em Supervisão, especializada em Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor e em Aquisição e Perturbações da Linguagem e licenciada em Ensino Básico - 1º Ciclo. Atualmente é membro integrado do Centro Interdisciplinar em Ciências Sociais (CICS.NOVA) e membro colaborador do Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI). Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e desenvolvimento, participado como júri em provas públicas, escrito e revisto publicações em livros e revistas científicas e apresentado comunicações em eventos nacionais e internacionais.

Luísa Pimentel - licenciada em Serviço Social, mestre e doutora em Sociologia, na especialidade de Sociologia da Família e da Vida Quotidiana. Professora na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Coordenadora do Programa 60+ do Instituto Politécnico de Leiria. Investigadora associada do CIES-ISCTE e do CICS.NOVA.IPLeiria. Dedicar-se à investigação e à divulgação de conhecimento nos domínios da Velhice e do Envelhecimento, dos Cuidados Familiares às Pessoas Idosas e das Relações Intergeracionais, tendo várias publicações nessas áreas.

Jenny Gil Sousa - Doutorada em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro, com uma tese sobre a velhice na cultura contemporânea. Mestre em Arte e Educação pela Universidade Aberta e licenciada em Animação Socioeducativa pelo Instituto Politécnico de Coimbra. É professora adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, onde tem lecionado nos cursos de Animação Cultural,

Educação Social, Serviço Social, Intervenção e Animação Artísticas e Comunicação Acessível. É investigadora integrada no CICS.NOVA.IPLeiria e investigadora colaboradora no CI&DEI. Tem escrito diversos artigos e capítulos de livros, especialmente sobre velhice, ócio, cultura, animação sociocultural e artística, educação social e acessibilidade. Colabora, também, em diversos projetos de intervenção social e animação sociocultural. Membro fundador da Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural – Portugal é também membro da IRENNE – Associação de Investigação, Prevenção e Combate à Violência e Exclusão e do NECO – Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio da Universidade de Aveiro.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).